

RESUMO EXPANDIDO  
XXVI Congresso de Iniciação Científica

## SOCIALIZAÇÃO PÓS PANDEMIA: DIFICULDADES ENCONTRADAS EM CRIANÇAS EM ESCOLAS DE SALESÓPOLIS

Mayara Cristina da Silva Akiyoshi<sup>1</sup>

Bruna Yuri Oride Araujo<sup>2</sup>

Daieny Panhan Theodório<sup>3</sup>

Marta Morgado Pereira Valente<sup>4</sup>

1. Discente do curso de Psicologia; e-mail: [mayaracakiyoshi@gmail.com](mailto:mayaracakiyoshi@gmail.com)
2. Discente do curso de Psicologia; e-mail: [brunayoride@gmail.com](mailto:brunayoride@gmail.com)
3. Docente na Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: [daienytheodorio@umc.br](mailto:daienytheodorio@umc.br)
4. Docente na Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: [martam@umc.br](mailto:martam@umc.br)

**Área de Conhecimento:** Aprendizagem e Desempenho Acadêmicos; Ensino e Aprendizagem na Sala de Aula

**Palavras-Chave:** Educação Infantil; Socialização; Crianças; Escola; Pandemia.

### Como citar:

Akiyoshi MC da S, Araujo BYO, Theodório DP, Valente MMP. Socialização pós pandemia: dificuldades encontradas em crianças em escolas de Salesópolis . Revista Científica UMC [Internet]. 27 de outubro de 2023;8(2):e080200050.

Disponível em: <https://revista.umc.br/index.php/revistaumc/article/view/1907>

**Fluxo de revisão:** o presente resumo expandido foi revisado por pares pela comissão do evento.

Recebido em: 11/09/2023

Aprovado em: 26/10/2023

ID publicação: e080200050

DOI:

Licença CC BY 4.0 DEED

## INTRODUÇÃO

A O tema proposto foi escolhido com base nas dificuldades encontradas pelas alunas ao retornar ao ensino superior presencial, em relação ao estabelecimento de vínculos com outros alunos para realizar tarefas didáticas, relacionando o interesse em saber como está o processo de socialização na educação fundamental.

A mudança abrupta de rotina e o isolamento afetaram diversas crianças em relação ao desempenho escolar, socialização, ao mesmo tempo em que aproximou muitas pessoas por meio da tecnologia através de redes sociais, videochamadas, aulas remotas entre outros. A saúde mental infantil deve ser um aspecto a ser priorizado e observado durante a pandemia, por ser uma população vulnerável.

O confinamento e as situações de estresse relacionadas com a COVID-19 foram e continuam sendo um fator ansiógeno devido às diversas mudanças no período. Quando as crianças são expostas às situações de estresse, apresentam alto nível de cortisol, o que pode causar hiperatividade em seus circuitos neuronais (que controlam as respostas de medo), e com isso, ameaça a capacidade de enfrentamento adaptativo (LINHARES, 2020).

Ao retornar para a escola, muitos alunos depararam-se com a dificuldade em socializar-se, não são todos que necessitam de espaço físico para a aprendizagem, mas para o desenvolvimento faz muita diferença, e durante essa experiência, de aulas remotas, os alunos e professores sentiram-se mais sobrecarregados e observados do que o comum. Há um ponto a ser destacado, sobre a dificuldade dos alunos e talvez de professores quanto ao acesso às aulas remotas e atividades, mas principalmente de alunos porque não foi planejado, e sim, parte de planos de contingências para atender decretos e recomendações de saúde. Durante o período da pandemia foi necessário mudar toda estrutura social, e a desigualdade social e tecnológica foi se destacando.

Diante disso, é necessário que uma política pública desenvolva melhores propostas para a educação nessas situações de emergências para que não reproduzam ou aprofundem as desigualdades.

## OBJETIVO

Identificar quais são as principais dificuldades enfrentadas pelos professores diariamente nas escolas em relação ao comportamento de socialização das crianças após a pandemia e levantar quais os comportamentos apresentados pelas crianças, dificultando a sociabilização. Especificamente: levantar informações sobre o perfil dos participantes;

verificar quais as dificuldades encontradas após o retorno para as aulas presenciais; analisar os comportamentos apresentados por alunos nesse momento e como está o relacionamento social deles.

## METODOLOGIA

A classificação desta pesquisa pode ser considerada como de natureza aplicada, quanto aos objetivos é descritiva, segundo Triviños (1987) citado por Gerhardt e Silveira (p. 35, 2009) “A pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade sem nela interferir.”

O delineamento é descritivo, segundo Gil (2008) essas pesquisas têm por objetivo estudar as características de um grupo, ambiente em que vivem ou frequentam, levantar opiniões, atitudes e crenças de uma população. O tempo proposto para a coleta de dados é transversal e a análise é mista.

Os 23 professores ativos que participaram deste estudo lecionam em duas escolas municipais (que por sigilo ético foram denominadas Escola A e Escola B) na cidade de Salesópolis - SP, ambos os gêneros, sem limite de idade, apenas não fizeram parte os docentes afastados da instituição de ensino.

Acerca dos materiais, foram utilizados: Termo de Autorização da Instituição (TAI) e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), um questionário sociodemográfico com 8 questões e um questionário de pesquisa com 11 questões (abertas e fechadas) sobre o comportamento do docente e de seus alunos em sala de aula após o retorno para as aulas presenciais.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O corpo docente é totalmente composto pelo gênero feminino, e destaca-se que o tempo de docência das professoras no ensino fundamental em ambas as escolas está entre 21 e 25 anos, e destaca-se que o tempo também tem relação com o adoecimento. Tostes et. al (2018) constatou que 44,8% dos professores (que lecionam há mais de 20 anos) apresentaram ansiedade moderada ou grave.

As professoras da Escola A responderam que os alunos tiveram dificuldades de adaptação (52%), principalmente nas aulas remotas, já na Escola B 50% das participantes

apontaram que apresentaram dificuldades de adaptação, outras 21% disseram que não. Considerar que as crianças gostem de estudar e se adaptar às aulas remotas e que elas possam estudar sozinhas, sem o auxílio de um adulto é bastante difícil nos anos iniciais do ensino fundamental (OLIVEIRA; SANTOS; SANTIAGO, 2020) e sem esse auxílio, provavelmente as dificuldades na adaptação são mais evidentes.

Os alunos, em sua maioria, também apresentaram dificuldades no convívio social (17% na Escola A e 21% na Escola B) ao retornar para as escolas, além das dificuldades com alfabetização e raciocínio lógico (57% na Escola A e 56% na Escola B) que foram as principais dificuldades de aprendizagem devido à defasagem ocorrida pelas aulas remotas durante a pandemia. Para Almeida et. al (2021) 60,7% do corpo docente acreditava que haveria enfraquecimento do ensino, e questionamentos relacionados à aprendizagem surgiram, acreditando ser provável que muitos estudantes ficaram com uma lacuna de aprendizagem.

Houve a dificuldade específica dos alunos nas duas escolas para seguir regras, rotina ou comportamento, de acordo com Lunardi et. al (2021), a palavra rotina surgiu nos dois momentos de sua pesquisa, tanto como uma dificuldade quanto como uma estratégia adotada. Com base na pesquisa de Suppi e Suppi (2023) que apresenta a percepção dos pais, 33,3% acreditam que os filhos não conseguiram socializar como antes.

Dentre os comportamentos mais comuns na sala de aula, as professoras da Escola A relataram indisciplina (19%), dificuldade de concentração (19%) e inquietação (19%), e na Escola B são dificuldades em seguir regras e rotinas (20%). Segundo Sunde (2022), 30 a 40% das crianças apresentaram distúrbios comportamentais, lembrando que a escola é um ambiente extremamente importante para uma criança, pois não apenas educa, como também auxilia na interação social e no desenvolvimento de habilidades, com isso, a ausência do ambiente escolar repercute em desordens na rotina, fazendo com que eles expressem níveis mais baixos de afeto, fiquem mais facilmente irritados, frustrados e entediados (por não poderem brincar ao ar livre ou encontrar os amigos. Outro fator que pode ter acentuado, foi a dependência da internet, na pesquisa de Paiva et. al (2021) 80% dos responsáveis relataram que as crianças aumentaram o uso de telas durante a pandemia, o que é prejudicial para a interação social e saúde mental das crianças, ocasionando pouco desempenho nos estudos, distúrbios de relacionamento, menor interação social, disfunções no humor e sono (SUNDE, 2022). O recomendado pela Sociedade Brasileira de Pediatria (2020) para utilização de telas para as crianças (de 6 a 10 anos) é de uma a duas horas por dia com supervisão. Com isso, vale ressaltar que cada criança vivenciou uma realidade diferente em seu isolamento, em que nem sempre os professores tinham conhecimento sobre a vida familiar ou os problemas que a permeavam, ou seja, enquanto para algumas delas o isolamento trouxe apenas distanciamento social, para

outras, esse período foi marcado por dificuldades de interação, negligência e violência familiar (FERREIRA; BENETTI, 2022), além de também estarem mais vulneráveis ao cyberbullying.

As participantes relataram que encaminharam seus alunos para acompanhamento psicológico (67% na Escola A e 100% na Escola B), e que foi possível identificar as dificuldades de aprendizagem e auxiliar a criança no que fosse necessário, lembrando que também era preciso investigar a demanda com os pais para que a criança tivesse um atendimento completo e o profissional pudesse compreender ambas as partes, e assim evitar possíveis rótulos no ambiente escolar acerca de qualquer suspeita de diagnóstico – sem a avaliação do profissional.

Entre as professoras da Escola A 67% tiveram crises de ansiedade e sintomatologia, mas não buscaram ajuda de um psicólogo. Já na Escola B, 70% das professoras não tiveram e não buscaram ajuda. A saúde mental é um sofrimento citado há muito tempo pelos profissionais, mas após a pandemia houve um aumento de ansiedade, crises de insônia, picos de medo sobre a situação vivenciada, além do cansaço devido a alta demanda de trabalho (CASTRO et. al, 2022).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Com base nos resultados obtidos, observou-se que ambas as escolas possuem profissionais que compartilham de sentimentos parecidos e queixas próximas, além de percepções sobre os alunos durante e após a pandemia que influenciaram na pesquisa. A maioria percebeu as mudanças nas instituições, mas principalmente no comportamento dos alunos e também na demanda de trabalho – que também lhe geraram sintomas depressivos ou ansiosos.

No ambiente escolar, os principais comportamentos encontrados foram indisciplina, dificuldade de concentração, inquietação e dificuldades em seguir regras e rotina; que de acordo com o corpo docente, tais comportamentos causaram desconfortos e prejuízos de adaptação, interação e aprendizagem.

Salienta-se o impacto da COVID-19 na socialização das crianças, bem como a saúde mental, em que diversos sintomas foram evidenciados – seja pela falta de interação social com os colegas de escola, contato excessivo com telas, distúrbios do sono, sedentarismo, e possivelmente a convivência familiar sem rotina ou com preocupações que interferiram em sua infância devido ao medo de contágio, luto e familiares que não podiam visitar. Além disso,

pequenos casos em que os alunos não tiveram rede de apoio (pais e/ou responsáveis) em suas tarefas, ou seja, a falta de interação e o não saber como abordar as crianças, ou até como acolhê-las nessa pandemia, possivelmente colaborou para deixá-las vulneráveis e suscetíveis à sintomatologia e que podem deixar sequelas para toda a vida.

A pesquisa possibilitou a expansão de conhecimentos sobre a pandemia e de algumas consequências, mas ainda necessário aprofundar os estudos, verificar os impactos do isolamento social para a saúde mental das crianças a longo prazo, pois a socialização é imprescindível para o desenvolvimento do indivíduo.

Ademais, o acompanhamento psicológico é importante para os alunos que apresentaram dificuldades de aprendizagem, bem como, para os profissionais que adoeceram. A promoção de saúde mental nas escolas e medidas que realizem a integração entre as crianças pode contribuir para desenvolver as habilidades sociais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, P. R. et al. Relações no ambiente escolar pós-pandemia: enfrentamentos na volta às aulas presenciais. *Rev. Actual. Investig. Educ, San José*, v. 21, n. 3, p. 275-302, Dec. 2021. Disponível em: <[http://www.scielo.sa.cr/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1409-47032021000300275&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.sa.cr/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1409-47032021000300275&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 14 de agosto de 2023.

CASTRO, G. C. et al. Bem-estar e saúde mental dos professores no período pós-pandemia. *Salão do Conhecimento*, v. 8, n. 8, 2022.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. Coordenador pela Universidade Aberta do Brasil-UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica- Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. *Método de Pesquisa*. Editora da UFRGS: Porto Alegre. 2009. 120p. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 03 de junho de 2022.

GIL, A. C.. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

FERREIRA A. A.; BENETTI A. R. N. Importância da afetividade no acolhimento das crianças: um olhar especial pós- pandemia, ARANDU-UTIC – Revista Científica Internacional - Vol. IX, Número 1, 2022. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8663554>>. Acesso em 10 de julho de 2023.

LINHARES, M. B. M.; ENUMO, S. R. F.. Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. Estudos de Psicologia (Campinas), v. 37, n. Estud. psicol. (Campinas), 2020 37, 2020.

LUNARDI, N. M. S. S. et al.. Aulas Remotas Durante a Pandemia: dificuldades e estratégias utilizadas por pais. Educação & Realidade, v. 46, n. 2, p. e106662, 2021.

OLIVEIRA, M. A. M.; SANTOS, E. S. L.; SANTIAGO, N. B. Pandemia do coronavírus e seus impactos na área educacional. Pedagogia em Ação, v. 13, n. 1, p. 17-24, 2020.

PAIVA, E. D. et al.. Child behavior during the social distancing in the COVID-19 pandemic. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 74, p. e20200762, 2021.

SBP. Sociedade Brasileira de Pediatria SBP atualiza recomendações de saúde de crianças e adolescentes na era digital (2020). Disponível em: <<https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/sbp-atualiza-recomendacoes-sobre-saude-de-criancas-e-adolescentes-na-era-digital/>>. Acesso em: 16 de agosto de 2023.

SUNDE, R. M. O enfrentamento da Covid-19 no retorno às aulas presenciais na rede escolar pública: medo e ansiedade entre alunos e professores. REVISE - Revista Integrativa em Inovações Tecnológicas nas Ciências da Saúde, [S. l.], v. 9, n. fluxocontinuo, p. 208–222, 2022. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/revise/article/view/2307>>. Acesso em: 10 de julho de 2023.

SUPPI, E. M.; SUPPI, I. M. Impactos da pandemia e ensino remoto em crianças: a visão dos pais. REI - Revista de Educação do UNIDEAU, v. 2, n. 2, p. 146-159, 2 fev. 2023.

TOSTES, M. V. et al. Sofrimento mental de professores do ensino público. Saúde em Debate, v. 42, n. 116, p. 87–99, jan. 2018.

